

# historia: fronteiras



**Vol. II**

Eunice Nodari  
Joana Maria Pedro  
Zilda M. Gricoli Iokoi  
(organizadoras)

Volume II



# História: Fronteiras

XX Simpósio Nacional da ANPUH

Florianópolis-SC

Julho de 1999

ANPUH

*Humanitas*  
FFLCH/USP

1999

---

# NO CEARÁ TEM DISSO NÃO?: HOMOSSEXUALIDADE E NORDESTINIDADE OU A HISTÓRIA DOS HOMENS TRISTES

---

Durval Muniz de Albuquerque Júnior  
*Universidade Federal da Paraíba*

## O SILÊNCIO

**I**nício do século, a homossexualidade não existe no Norte. Mesmo no Nordeste, a partir dos anos vinte, ainda está ausente. Nenhuma prática é recoberta com este conceito. Ele não circula em nenhuma forma de discurso. Ninguém se dispõe a se descrever a partir deste lugar de sujeito. Mesmo em torno das práticas homoeróticas reina um enorme silêncio, só quebrado aqui e ali pelo discurso médico e pelo discurso literário. Trinta anos de leitura do jornal de maior circulação neste espaço e nenhuma referência a que tais práticas pudessem existir ou que fossem motivação de qualquer atitude, mesmo negativa, amoral ou criminosa, como será comum na imprensa após os anos sessenta. Nos processos-crime, este silêncio perdura. Ninguém comparece perante a justiça e alega a homossexualidade como causa de qualquer crime ou atitude que esteja sendo julgada ou questionada. A literatura de cordel ignora esta temática e principalmente este conceito. Quando a descobre, nos anos setenta, ela aparece como sinal de decadência do mundo tradicional sertanejo, como um dos males trazidos pelas cidades, anunciando o fim dos tempos.

Como explicar este silêncio? A primeira constatação parece óbvia: a idéia da existência de uma homossexualidade ainda não é socialmente aceita, mesmo no seio da elite letrada, e o conceito de homossexualidade ainda não é conhecido. Se concordamos com Freire Costa e Rorty<sup>1</sup>, o que chamamos de realidade é

construído por uma rede de significados, expressos pela linguagem, que só tem existência naquilo que descrevemos, conceituamos, nomeados e atribuímos significado. Portanto, podemos dizer que a homossexualidade ainda não existia no Nordeste, que ela ainda não havia sido inventada, e que seria anacronismo pinçar neste período práticas que só mais tarde serão nomeadas como homossexuais, tal como conhecemos hoje este significado.

Ainda impera a noção de sodomia para nomear as práticas homoeróticas, aliada a uma gama enorme de nomes populares, que enfatizam o ato e não remetem à possível constituição de uma subjetividade outra. Aliás, a proliferação de designações populares para as práticas homoeróticas contrasta violentamente com o silêncio em torno destas práticas nas instâncias dominantes de produção de discurso. Há mesmo um medo de nomear tais práticas, comum aos personagens do discurso literário deste momento, até quando estas os fazem muito felizes:

E porque agora não era o mesmo? Que força, que mandinga era aquela que não sabia decifrar? Nunca que dissesse a ninguém que gostava daquela vida. Os que esperavam anos e anos pela liberdade, o que não ficariam pensando de um negro que se dava bem no inferno? Calado ficava com suas fraquezas. Nem a Jesuíno, nem a seu Manuel tinha coragem de abrir a boca e falar daquilo<sup>2</sup>.

1242

A proliferação de designativos populares, mais presentes na cultura não escrita, parecem denunciar o caráter privado que as questões ligadas ao sexo por ventura ainda têm nesta sociedade. Coisas que se falam, mas não se escrevem. O chibungo, o perobo, o goiaba, o maricas, o macho-e-fêmea, o homem-mulher é assunto de fofoca cotidiana, de conversas com amigos, de brincadeiras entre homens, mas nunca assunto para ser tratado em público, para ser debatido em lugares que exijam seriedade. A clandestinidade é o lugar reservado para estes amores irregulares. Somente como literatura, assumindo o lugar da ficção, ele ousa dizer seus vários nomes e suas várias possibilidades práticas.

Mesmo aí, os personagens parecem falar de desejos que não conseguem explicar. Parece faltar um nome para as experiências que não são encaradas ainda como uma descontinuidade com o ser feminino ou masculino socialmente definidos:

Ali mesmo só Jacqueline mostrava um interesse diferente do que tinha pelas outras. Às vezes, alta noite, quando não aparecia um freguês de categoria, a abelha-mestra convidava-a para um passeio de automóvel. Saíam sem rumo ou iam até Boa Viagem ver o mar verde, sentir o cheiro da praia. A lua bonita deitava-se nas águas do mar, balançando-se nas ondas como numa rede. Boa Viagem, naquele tempo era um deserto. Então Jacqueline pedia ao chofer para levar longe o carro, para um pouco mais longe. E caíam nuas na água fria. Ficavam um tempo enorme gozando a vida. Jacqueline pegava-se a ela e Clarinda sentia a carne quente da francesa. E dentro d'água, sentadas na areia, com o chofer de longe, ela sentia com Jacqueline uma coisa que ela não sabia o que era. As ondas vinham até elas, entravam de pernas adentro, como línguas frias, as espumas cobriam suas carnes e a lua, querendo se pôr ainda, deixava uma luz fraca por cima do mar. Clarinda sentia-se feliz, cheia de vida<sup>3</sup>.

Não há quem se considere homossexual. O sexo entre homens é considerado, inclusive, uma prática comum num determinado momento da infância, uma experiência formadora da própria masculinidade. Coisa besta de moleque, o troca-troca, para além de uma prática sexual, aparece como uma experiência que atualiza uma série de hierarquias que perpassam a própria sociedade. Hierarquia de idade: os meninos mais velhos tendem a utilizar sua maior força, experiência e esperteza para levar os meninos mais novos a exercerem o papel feminino na relação sexual. Hierarquia de classe: os meninos mais ricos e poderosos tendem a se utilizar dos meninos mais pobres e sujeitos socialmente como seus objetos sexuais. Hierarquia de cor: os meninos brancos, numa continuidade clara das relações escravistas, tendem a usar os moleques de cor como suas “mulherzinhas”. É evidente, no entanto, que estas hierarquias podem se inverter a qualquer momento. E este era o perigo que tais relações despertavam, principalmente em um momento de profunda desterritorialização porque passavam as elites da região.

### O SAGRADO

Os discursos dos anos vinte e trinta, no Nordeste, falam de mutações nos códigos de gênero. Este processo, chamado por Gilberto Freyre de crise da família patriarcal, implicou profundas mudanças na forma de ser homem e mulher, principalmen-

te no seio das camadas dominantes na sociedade. Há uma espécie de ansiedade diante do que parece ser a desvirilização da sociedade e dos homens deste espaço. O nordestino é um tipo regional inventado nos anos vinte justamente diante desta ameaça de feminização da região. Ele emerge como um tipo que deve resgatar as tradições de uma sociedade em declínio, entre elas, a tradição de mando, poder, autoridade, virilidade dos homens das gerações anteriores. A elite urbana nascente, e mesmo a nova elite rural, representada pelos usineiros, é vista com certa desconfiança, no sentido de que não consegue atualizar o antigo código de valores que predominou na sociedade do antigo Norte. Entre estes valores que estavam se perdendo, entre os costumes que estavam sendo solapados pelos “maus costumes” estavam exatamente aqueles que antes definiam um verdadeiro homem, um pai de família, chefe de clã, autoridade inquestionável nos seus domínios e em suas famílias. Os homens pareciam fraquejar, e se emascularem como sua própria sociedade em ruínas.

1244

O silêncio em torno das práticas homoeróticas parece estar associado, pois, ao próprio fato de que as elaborações discursivas em torno do nordestino exclui de forma sistemática qualquer referência ao feminino. O nordestino é definido como o macho por excelência, homem rude, viril, forte, destemido, violento, que se forma à imagem e semelhança de sua terra inóspita, seca, difícil, a qual só os homens de verdade, os homens de fibra podem enfrentar. Este homem telúrico, imagem da própria terra, não pode demonstrar fraquezas, devendo, antes, resgatar toda a tradição patriarcal das antigas gerações. No entanto, ao mesmo tempo em que estes discursos elaboram o nordestino, parecem falar de uma certa crise da masculinidade tradicional, de um certo *déficit* de virilidade nos novos homens de punhos de renda que começam a dominar tal espaço. Por isso, ao elaborar a figura do nordestino, o discurso regional vai recorrer a figuras do mundo rural tradicional como o sertanejo, o prairieiro, o brejeiro, o coronel, o senhor de engenho, o cangaceiro, para produzirem a imagem do novo tipo regional que surgia, que tinha na masculinidade exacerbada um de seus principais atributos positivos.

A nordestinidade que está sendo elaborada nos anos vinte, exclui, de saída, a nordestinidade exclui e silencia a homossexualidade. Nas fronteiras que traçam os limites do ser nordestino não está inscrita a possibilidade de ser homossexual. Esta tensão entre nordestinidade e homossexualidade só vai se explicitar quando nos anos setenta a problemática emerge e o conceito se generaliza. Se acompanharmos a produção discursiva dos órgãos de imprensa voltada para o público homossexual, nestes anos, podemos notar o quanto é tensa a relação existente entre a identidade regional nordestina e a identidade homossexual. Não é mera coincidência que o cantor que melhor encarnou a identidade regional nordestina, que se assumiu como porta voz da região, elevado a símbolo da nordestinidade, tenha gravado uma música, nos anos sessenta, em que fala “que no Ceará não tem disso não” e que no Nordeste, “cabeludo tem vez não”.

Nesta mesma década, ao escrever sua “semi-novela”, *Dona Sinhá e o Filho Padre*, Gilberto Freyre se refere ao começo do século como o momento do aparecimento de práticas homoeróticas distintas daquelas do mundo tradicional, onde eram confinadas a um período da infância, não constituindo uma ameaça à masculinidade dominante. Ao contrário, muitas vezes era uma etapa do aprendizado do próprio exercício da dominação. Antes, na sociedade patriarcal, quando surgiam nas famílias homens movidos por um desejo, por uma força ou mandinga que não sabiam decifrar, força essa que os levavam a desgostar das mulheres e sentir incorrigível atração por homens, algumas providências eram tomadas para dar um jeito no que parecia ser um castigo do céu. A principal delas era destiná-los ao sacerdócio, onde podiam purgar os pecados de seus maus pensamentos<sup>4</sup>.

Nesta sociedade onde o que definia a identidade do sujeito das classes dominantes era muito mais o seu pertencimento a uma linhagem, a uma família, ou o sangue que corria em suas veias, não estavam à disposição dos indivíduos outros lugares de sujeito de gênero que não os de homem ou de mulher. As condutas consideradas estranhas, bizarras, não maculavam nunca a classificação ser homem ou ser mulher. As definições do

masculino e do feminino eram bastante abrangentes e lábeis para incluir condutas as mais diferenciadas possíveis. Parecia existir nesta sociedade um menor número de papéis a serem assumidos pelos sujeitos sexuados, mas uma possibilidade maior da realização de práticas no cotidiano, que fugissem da malha de qualquer classificação.

Daí podermos entender o silêncio em torno das práticas que serão mais tarde catalogadas como homossexuais. A própria noção de sodomia, que servia para nomear estas práticas, tem um cunho religioso, o que contrasta com a noção médica de homossexualidade. A sodomia era definida como um pecado contra a natureza, o que fazia do homem ou da mulher um pecador, mas não um ser diferente, à parte, como propõe o conceito de homossexualidade. O sodomita trilhava uma estrada que podia fazer parte dos próprios desígnios misteriosos da divindade. Era visto como estranho, bizarro, que devia viver à parte, mas que, como toda criatura de Deus, merecia respeito, embora devesse se arrender e se abster destas práticas pecaminosas. Seu desejo podia ser uma provação a que Deus o havia submetido.

1246

Em *Dona Sinhá e o Filho Padre*, Freyre retrata os dramas psicológicos do Doutor Paulo, atraído amorosamente por um menino angélico e feminino chamado José Maria (nome ambíguo) que desde cedo se comporta de forma estranha em relação aos outros meninos, sendo chamado pelos colegas de escola de “sinhazinha”. José Maria está destinado desde cedo ao sacerdócio, por uma promessa de sua mãe para que recuperasse a sua frágil saúde. Mesmo diante dos esforços do tio materno para fazer dele um homem de verdade, José Maria parece sempre um inadaptado, que foge de suas fantasias homoeróticas, apelando para a religiosidade. Desde o momento em que, beijado pelo Dr. Paulo, toma consciência de que era um ser com desejos estranhos, pecaminosos, traduz a sua diferença como o sinal da escolha divina para o exercício de seu serviço. Ser angélico que se descobre diabólico apenas com um beijo de grande fúria sexual. Convencido da inspiração demoníaca de seus desejos, agarra-se ao sacerdócio como a possibilidade de salvação. Seus pensamen-

tos, o seu corpo era provação, era a fraqueza humana sendo desafiada pela força divina:

Porque a Nossa Senhora da devoção de José Maria não era uma abstrata Mãe de Jesus, também Mãe dos Homens. Era uma particularíssima Nossa Senhora das Dores. A qual sendo das Dores fora a que mais ternamente o acudira na dor de menino martirizado, humilhado, ridicularizado pelos outros meninos e até por adultos que nas próprias ruas de São José chegaram a gritar quando ele vinha da escola para casa: “Lá vem Sinhazinha! Lá vem Sinhazinha!. Isto nas ruas. Na escola era ainda pior”<sup>15</sup>.

Já o doutor Paulo, freudianamente, como dirá o próprio Freyre, sublimará este desejo transferindo-o para a mãe de José Maria, Dona Sinhá, único e fracassado amor feminino que vivenciará e que o levará a um exílio parisiense, onde procurará continuar desfrutando de seu desejo vergonhoso.

É claro no discurso freyreano a idéia de que a emergência das práticas homoeróticas se dão no espaço urbano e é motivada, exatamente, pela falência de um certo modelo de masculinidade representado pelos antigos patriarcas. José Maria é produto da educação dada por uma mãe absorvente e da falta de um pai, que lhe sirva de modelo. A morte da figura paterna e a incapacidade do tio materno de ser esta referência masculina, dentro deste modelo patriarcal, fazem de José Maria um menino-mulher.

Em *Usina*<sup>6</sup>, livro escrito em 1936, José Lins do Rêgo refere-se a esta mutação que os próprios códigos sociais que regiam as relações com o sodomita estavam sofrendo. Também partindo da dicotomia campo e cidade, mundo do engenho e mundo da prisão, Lins parece nos falar de um processo crescente de dessacralização do sodomita e de sua crescente perversão. A dúvida que assalta Ricardo, ao gostar das carícias e do amor devotado a ele por Seu Manoel, era se estava doente ou sendo castigado pelo céu. Esta referência à noção de doença parece remeter ao processo crescente de medicalização das práticas sexuais homoeróticas e a sua posterior transformação em práticas homossexuais. No entanto, Lins oscila entre a designação destas práticas como de sodomia, quando o narrador assume a fala, e o uso de expressões populares, quando são os personagens que falam.

Estas designações como macho e fêmea e homem-mulher remetem a uma certa ambigüidade e indefinição destes personagens entre as categorias de gênero que são possíveis de serem manipuladas neste momento. Estes não se definem como uma terceira possibilidade, mas apenas como a justaposição das duas identidades possíveis.

O que diferencia as práticas do negro Pereira, velho morador do engenho, que tinha sempre um moleque fornido morando em sua casa, daquelas praticadas por Ricardo e seu Manuel, não parecem estar no próprio ato em si, no seu valor, mas no julgamento que recebe da sociedade. Embora estas reações sejam sempre bastante ambíguas, indo do nojo ao respeito, do medo à curiosidade, do deboche ao silêncio, o negro Pereira, que pedía esmolas para Nossa Senhora do Rosário de casa em casa pelas estradas, *com opa e prato* e a coroa da virgem na cabeça, jamais escutaria um chiste de ninguém. Ninguém ousaria uma palavra, um dito safado, pois ele era um coitado, um fraco, talvez digno apenas de pena pelo destino que Deus lhe deu:

1248

Respeitavam o coitado, não lhe diziam nada que não fosse da maior consideração. E Mané Pereira dormia na sua cama de vara com moleques que eles todos conheciam. Muitos deles já tinham sido na certa os preferidos, os papadores dos cobres de Nossa Senhora. Entre os pequenos Manuel Pereira era quase tido como um padre. Aquela opa até os joelhos, aquela coroa de santo dentro do prato com rosas davam ao sodomita um prestígio de sacerdote. Tomavam-lhe a benção. E as mulheres tinham o preto na conta de grande. Nenhuma que se atrevesse a uma palavra menos respeitosa...E este meio sagrado, de estrada afora como um enviado de Deus, pedindo para a gente do céu, comparsa de alguma conspiração diabólica. Quando o velho passava na estrada todos paravam a brincadeira. E lá ia ele com aquele andar sacudido<sup>7</sup>.

Em Fernando de Noronha era outra coisa. Os homens-mulher não eram raros como no engenho. Mas o respeito a eles não existia. Eram parias, infames. Eram homens que se humilhavam até o último degrau ao assumirem o papel definido como feminino. Os amigos deles se afastavam com vergonha, e estes eram levados a sentirem o mesmo de si, escondendo-se na escuridão, vivendo com sofrimento e nojo seus próprios desejos. A prisão,

território à parte, excepcional, mundo de homens, onde raras eram as mulheres, levava a que muitos homens assumissem este lugar, cuja conseqüência era o degrado social, a perda do prestígio e do respeito. Nenhuma aura de sagrado pairava sobre eles, só a vergonha e o medo de falar e de dizer. O silêncio era imperioso. Silêncio entre homens que se possuíam como animais, sem qualquer vínculo afetivo. Silêncio do constrangimento social e das ameaças a própria vida:

Às vezes Ricardo sentia náuseas de tudo isso, um nojo de se ver assim, acariciado, coberto de cuidados e dos dengos de um outro homem. Lembrava-se então das histórias, que contavam no engenho, das cobras-de-veado que pegavam o homem na mata, quebrando todos os ossos, lambendo o pobre, lambendo para depois engoli-lo. Como não seria nojento aquela língua de cobra no corpo, aquele acariciar repelente. Saía para andar quando vinha este asco repentino. Uma vontade de fugir, uma vontade de fugir mais de seu Manuel do que da ilha, lhe apertava. E era tão fácil. Bastava procurar o diretor e dizer que não queria trabalhar para o médico, que preferia o eito do presidio.

À noite, porém, Seu Manuel chegava para o seu quarto. Vinha com aquela ternura que era uma mistura de agrado de mãe e de rapariga, tão bom, tão carinhoso que ele se perdia outra vez, entregando-se a tudo que viesse, até o fim<sup>6</sup>.

1249

José Lins traça um quadro de profunda ambigüidade quando trata da relação entre Ricardo e seu Manuel. Uma relação que nasce como uma simples relação de órgãos, como uma simples relação sexual, que gera nojo em Ricardo e angústia e sofrimento em seu Manuel. Relação que se complexifica à medida que avança para uma relação afetiva, amorosa. Como em toda relação de gênero, existe entre Manuel e Ricardo uma série de elementos e significados sociais que são postos em jogo e valorados de formas diferentes, expressando também imbricadas relações de poder, que tornam bastante interessante a análise deste caso.

Se concordamos com Vale de Almeida<sup>9</sup> que afirma não ser óbvia a associação entre feminilidade, mulher e fêmea, nem também masculinidade, homem e macho, se concordamos ainda que a masculinidade e a feminilidade é acessível a homens e mulheres indistintamente, pois são metáforas de poder e de ca-

pacidade de ação, Seu Manoel, ao assumir o lugar do feminino, passa a ocupar um lugar de inferioridade e passividade em relação a Ricardo, embora possua, em relação a este, vários predicados que leva à hierarquia da relação a se inverter.

Seu Manuel é descrito como um homem louro, um branco; Ricardo é um negro, moleque filho de negras de senzala de casa-grande. Isso faz com que Ricardo, contraditoriamente, sintase orgulhoso e lisonjeado pelo fato de ser amado e servido por Seu Manuel, que, como cozinheiro e serviçal do presídio, o cobre de mimos. Ele que, como negro, nascera numa sociedade em que o seu lugar era de serviçal, era agora servido por um branco:

Gostava do outro, nunca ninguém fora dele assim, fizera dele tudo no mundo. Seu Manoel era um branco, tinha um cabelo estirado como os brancos do Santa Rosa e vivia precisando dele, fazendo o impossível para lhe arranjar um agrado. Quem o amara assim? Mãe Avelina, Isaura, Guiomar, Odete? Ninguém no mundo tivera para ele o amor como aquele de seu Manuel. Ele Ricardo seria um Deus se quisesse para o outro. Seu Manuel rezava para ele, cantava, trabalhava. O dia de seu Manuel, os pensamentos, a alegria, a tristeza, tudo era dele<sup>10</sup>.

1250

Embora Seu Manoel representasse em vários de seus gestos, sentimentos e atitudes aquilo que definia, nesta sociedade e neste momento, o feminino tais como: o amor e a dedicação servil a um homem, tomado como a razão da existência, como um próprio Deus e a capacidade de se enternecer, de chorar, de dedicar o seu carinho a outro, era um homem com as mãos manchadas por três mortes, era um matador, ex-cangaceiro, o que demonstrava sua coragem, destreza e capacidade de ação, atributos que Ricardo não possuía. Este era um moleque que crescera aprendendo a obedecer sem reclamar, se abaixando para o todo-poderoso: a honra e orgulho de macho não eram valorizados por ele, o que acontecia com Seu Manuel. A desgraça da vida de Manoel, o seu rebaixamento, se dava somente por precisar de outro homem para satisfazer seus desejos. Neste momento, sua honra, seu orgulho de branco, de macho e de valente se desconstruía:

Mas quando a noite entrava ilha adentro, Seu Manuel chegava-se para ele, vinha medroso, trêmulo e, perto do seu negrinho, o

assassino perdia a coragem, parecia mais uma pobre vítima, sem força para erguer a voz. Vinha angustiado. E com pouco mudava. A vida corria-lhe pelo corpo, exaltava-se, fremia, como se fosse todo ele um nervo só. No fim falava, falava. E às vezes nestas confissões dava para chorar como um menino<sup>11</sup>.

Ao abordar os amores homoeróticos em *Usina*, o livro que trata da decadência final da sociedade tradicional do engenho, José Lins do Rêgo parece tomar estes amores, antes raros e excepcionais, agora mais generalizados, como indícios deste declínio, inclusive moral, que a sociedade urbana e industrial estaria trazendo. Estas práticas aparecem como uma ruptura com os costumes tradicionais, em cuja reprodução estava a própria continuação da sociedade tradicional dos engenhos. Os homens, ao não conseguirem mais atualizar a masculinidade tal como ela era descrita e vivenciada pelas antigas gerações, fazem com que o feminino pareça se alastrar ameaçadoramente para além das fronteiras a que estava adstrito nos códigos anteriores. A ameaça feminina aos antigos espaços e relações adstritas aos homens aparece como uma angústia e ansiedade crescentes nos artigos de jornais do começo do século. O medo do alastramento do feminino, da ruptura das fronteiras em que este estava limitado, é vivido como o sinal dos tempos, como o fim da era de verdadeiros homens, varões que eram o sustentáculo material e moral da sociedade.

O caráter excepcional dos amores sodomíticos na sociedade do engenho só reforçava a regra da dominância de uma masculinidade que agora parecia se esboroar. O próprio isolamento em que viviam os grupos familiares em seus domínios rurais, onde as distâncias eram difíceis de serem transpostas, era agora quebrado pela progressiva urbanização dos núcleos familiares dominantes, onde a possibilidade de viver novas experiências aparece como muito maior. Só quando toma o trem e abandona o engenho, tanto Ricardo como Carlos de Melo conhecem um novo mundo. Ultrapassando as fronteiras para um mundo desconhecido, podem viver experiências inovadoras.

A própria possibilidade de vivência destas experiências amorosas, principalmente por parte dos homens, demonstra um certo afrouxamento da autoridade paterna no interior destas fa-

mílias. Nenhum chefe de clã aceitaria que seu filho, seu herdeiro, que tinha o seu nome, maculasse sua honra e de sua família mantendo amores tão vergonhosos como estes. Era preferível vê-los mortos. A literatura deste período parece falar, pois, das práticas homoeróticas entre os homens das elites como práticas fortuitas, excepcionais e nunca como práticas sistemáticas e que levassem a elaboração de uma identidade de gênero particular.

Ao tratar da vivência destas experiências numa prisão e localizá-la no exílio de uma ilha, José Lins parece afirmar a própria estranheza destas práticas. O que naquele espaço era normal, o que ninguém se importava, não seria aceito pela ordem social: lá a vergonha se instalaria. Tanto é que à medida que o personagem Ricardo vai aderindo e gostando de sua experiência, surge, nele, a vontade de nunca mais voltar para a ordem social. Estes amores só parecem possíveis para além das fronteiras do social, em suas margens, mesmo que líquidas. Só num território apartado estes amores podem ser vividos, mesmo que com nojo e angústia, mas também com alegria e prazer. Aqueles personagens que sonham em voltar a se reintegrar na ordem social, devem fugir destas experiências que parecem desterritorializar, criando um mundo a parte do qual pode não se querer mais fugir:

1252

Deodato e Jesuíno correram para a casa do médico para contar a Ricardo. O moleque recebeu a notícia com espanto. Iria embarcar. A princípio uma grande alegria lhe encheu a alma (...) Mas aos poucos uma estranha tristeza foi tomando conta dele. Não sabia mesmo o que fosse aquilo. Não ia deixar para sempre aquele Fernando infeliz?

Quando chegou na cozinha, seu Manuel já sabia. Estava sentado no batente de olhar fixo para um canto. Nem quis olhar para ele. Viu então que uma mágoa profunda, uma coisa maior que a sua tristeza era aquela de seu amigo.

(...) Seu Manuel sofria. O pobre tinha trinta anos para tirar. Cantava como se fosse um liberto, um pássaro nos seus arvoredos, de suas capoeiras. Quando ele entrava ofegante no seu quarto fazia pena vê-lo. Mas logo depois era uma alegria imensa que lhe banhava o corpo todo. Para Ricardo naquelas noites, naquelas noites pesadas da ilha, fora seu Manuel uma mãe, uma rapariga, um irmão. Tudo que tinha era para lhe dar. Um amor mais feroz do que o de Isaura na hora boa, mais pegajento do que o de Odete. Todos ali tinham o seu. Só os duros, os que odiavam

como Deodato, tinham forças de fugir daquilo. Ele não. Ele se entregava de corpo e alma. O nojo que lhe vinha às vezes, a repugnância pelo outro, por ele mesmo, não valiam as noites de ternura do amigo, aquelas carícias que as mãos de um assassino de três mortes sabiam arranjar. Lá na cozinha estava ele de cabeça baixa, sofrendo com a liberdade que o governo mandava após dois anos. Deodato e Jesuíno estariam ardendo de felicidade. Tinham filhos, mulher para encontrar do outro lado.

À partida do navio na segunda-feira, houve passagens de cortar coração. Chorava preso na praia. Os que ficavam, os que se separavam de amigos, de apaixonados, separavam-se como mulher de marido que fosse levado para a guerra<sup>12</sup>.

### O SOFRIMENTO

Nas narrativas literárias do começo do século, os indivíduos que vivenciam relações homoeróticas são descritos com uma série de imagens que são fundamentais para a construção da figura do homossexual, nas décadas seguintes. Estas narrativas criam uma dada visibilidade e dizibilidade do ser homoerótico no Nordeste que serão reatualizadas, não só pelos discursos, mas pelas próprias práticas dos homossexuais nas décadas posteriores. Elas ofereceram modelos de subjetividade para que os indivíduos homoeroticamente orientados possam construir suas identidades.

O traço que poderíamos dizer que é definidor destes seres é o de serem infelizes, homens tristes, pela própria condição de marginais, de inadaptados a uma cultura predominantemente masculina, onde a virilidade é profundamente valorizada. Estes seres parecem ter nascido para sofrer, talvez para espiarem a própria culpa pelos atos infames que praticam. O discurso cristão participa ativamente da construção da imagem de malditos destes personagens. É como se Deus os tivessem criado para o sofrimento, para purgarem os pecados que constantemente cometem.

São, pois, seres chorosos, lamurientos, tristes, às vezes doentios, o que é explorado ainda de forma mais acentuada no discurso médico. Mas são por isso mesmo, como dirá o discurso jurídico, pessoas perigosas, pessoas magoadas, passionais, emotivas, que podem perder a cabeça a qualquer momento e cometerem crimes monstruosos. A mesma mão que acariciava podia matar, desde que mobilizada por uma extrema emoção.

Estes são os mesmos enunciados que procurarão no discurso jurídico explicar o crime das mulheres. Estes seres sofreriam, em certos momentos de grande emoção, a turvação da razão, que neles já estaria bastante ausente:

Contara tudo o que ainda não havia contado de sua vida a Ricardo. Falou de uma irmã que se perdera com um vaqueiro casado. Fora a sua primeira morte. Aí o júri lhe dera razão. Veio para a rua livre. A mana estava na mão de todo mundo. Fez tudo com o pai para que ela voltasse para casa. O velho endureceu e ela teve que descer para Rio Branco e ficar rapariga (...) Ficou na tristeza, sem vontade de nada, até que o chamaram para o grupo de Cocada. Andou como renegado no mato, furando as caatingas, farejando grutas, de nariz aceso como cachorro de caça. Até que deram fogo com uma força em Alagoas. Durou horas e quando terminaram, os companheiros tinham fugido. Estava sozinho. Entregou-se à força. O tenente queria sangrar, mas vendo que ele era quase um menino, teve pena e o levou para a cadeia. A vida dele era aquilo somente. Tinha aquele fraco. Era uma desgraça um homem precisar de outro, como ele precisava. Melhor era passar fome na caatinga, ouvir passos de tropa passando por pertinho dos coitos, melhor tudo o que fosse o pior na vida do que precisar um homem de outro como ele. Deus lhe dera aquele castigo. Bem que a mãe pedia para ele rezar, bem que ela lhe ensinava aquelas rezas para lhe fechar o corpo, para acertar o juízo. Nada lhe servia quando chegava a vontade, o desejo de se perder, de ir atrás de gente que era ruim, que só fazia as coisas para maltratar. Até ali só encontrara um que fora bom para ele. Era Ricardo<sup>13</sup>.

1254

O que chama a atenção nesta narrativa é o próprio caráter conservador de Seu Manuel. Embora viva experiências desejantes que o arrasta para linhas de fuga dos códigos dominantes, todo o seu discurso é pautado pelos valores morais tradicionais. A tristeza de Seu Manuel parece nascer desta própria ambigüidade de um ser que se dilacera entre seu desejo e aquilo que a cultura de seu tempo – a masculinidade dominante – exige de um homem. Ao lavar com sangue a honra de sua irmã, Seu Manoel se comporta da forma que é esperada para um homem nordestino, mas, ao desejar outros homens, vive o momento da perdição, onde sua identidade masculina se desconstrói, seu território existencial treme, ofega, delira e o caos e a desordem do ser se instalam.

As imagens do homoerótico em José Lins remetem ao caos, à desordem, à perda de limites e de controles, embora, ao mesmo tempo, Seu Manuel atualize imagens do feminino e do masculino valorizadas pela própria ordem social. Ele é a mãe, o irmão, embora seja também a rapariga mais fogaosa e pegajosa que qualquer mulher. Ele oscila não só entre o masculino e o feminino, mas oscila entre diferentes imagens do próprio feminino: entre a rapariga e a dona de casa, que faz da cozinha e de seus quitutes a possibilidade de conquista do ser amado, por exemplo. Ser múltiplo e complexo, Seu Manuel fascina e desconcerta Ricardo, seduz e ao mesmo tempo causa medo e repugnância.

A marca de seres como Seu Manuel parece ser a dificuldade de nomeação, de se estabelecer um saber seguro em torno de suas atitudes e de suas identidades, seres ambíguos que na luz do dia se comportam de forma diferente de quando as sombras da noite caem.

É comum o aparecimento de personagens sodomitas, quando a literatura do início do século aborda a cultura do bordel. Os cabarés não só abrigavam as prostitutas, cafetinas e cafetões, como artistas, travestidos ou não, que encontravam neste território marginal a possibilidade de construir seu território existencial. Vivendo entre mulheres que tinham uma relação diferente com o corpo e entre homens que iam à procura de experiências diferentes, estes artistas podiam vivenciar práticas homoeróticas, sem se sentirem tão a parte como se sentiriam fora destes lugares.

O homoerótico, nestes textos, também remete à dimensão corporal, tão desvalorizada não só pelo pensamento cristão, como pelos próprios modelos do amor romântico. A própria alegria de Seu Manuel se expressa corporalmente, percorrendo-lhe o corpo e o fazendo adotar novas posturas. Aquele ser rastejante, ao chegar perto do outro, transforma-se pelo contato com o corpo do amado.

Seu Manuel e Ricardo parecem viver o momento de transição entre uma concepção mais coletivista do corpo, onde deixa de imperar a idéia de linhagem, sangue e hereditariedade, para emergir uma concepção mais individualista. O corpo da terra, o corpo da família, parece ser progressivamente substituído pelo

corpo do indivíduo. A homossexualidade só é possível ser pensada a partir desta emergência de um *ethos* individualista e quando os códigos de sexualidade tornam as práticas sexuais o centro da definição da identidade do indivíduo. Era preciso uma concepção diferenciada da possibilidade de constituição dos sujeitos que ultrapassassem as concepções naturalistas, que atribuíam à natureza este papel, ou à concepção sobrenatural, em que Deus definia o que seriam os indivíduos. Seu Manuel e Ricardo parecem oscilar entre uma sociedade que estabelecia as identidades de gênero de uma forma mais fixa e coletiva, deixando as práticas individuais separadas, incapazes de alterar estes códigos e um momento em que as condutas individuais, suas atitudes, seus costumes começam a exercer influência no tipo de definição que a sociedade e o próprio indivíduo dão a si mesmos. Talvez, por isso, o sofrimento e a angústia assaltam estes personagens.

Personagem sem família, exilado, o homoerótico remete para fora da vida familiar, como produto do exílio do indivíduo da ordem social familista e patriarcal. Estas práticas parecem só acontecer com pessoas que estão à margem da família, que não têm mulheres e filhos para cuidar. Aqueles que nunca escutaram conselhos, nem se submeteram às rezas de sua própria família.

A exclusão é uma outra característica destes seres; quando não a reclusão, como aquela sofrida pelos religiosos, seres que se escondem nas sombras de mosteiros, conventos, seminários, sacristias para fugirem da tentação do desejo que os perseguem, da carne que arde de paixão condenável. A associação entre o homoerótico e o sacerdócio é também uma constante na literatura regionalista, talvez porque para a vida religiosa se dirigissem aqueles homens que não conseguiam atualizar costumes, habilidades, caracteres que os credenciarium como verdadeiros homens, capazes de chefiar clãs, parentelas e negócios. Embora não seja incommum o padre chefe de parentela ou o padre chefe político:

Nesta mesma Penha conheci um frade assim; com grandes olhos de mulher gulosa de homens, arregalados para os homens mais homens que entravam na igreja, sem que, entretanto, lhe faltasse a devoção pelo Cristo e pelos santos. O que o torturava era o

conflito entre sua vocação de religioso e seu sexo faminto de aventuras impossíveis a um frade<sup>14</sup>.

Numa região onde a masculinidade é supervalorizada, o homoerótico, quando aparece, é como se fosse uma etapa de preparação para o ser masculino. Esta se assenta na própria admiração que os homens teriam pelos outros e a desqualificação que sofre a mulher. A centralidade do falo, nesta cultura, seria um dos elementos que levariam às práticas homoeróticas que, no entanto, ao contrário do que é definido pelo conceito de homossexualidade, não constituiriam uma contraposição ao ser masculino. Penetrar outros homens seria mais uma prova de virilidade e macheza. Submeter outro homem é reafirmar ainda mais o seu poder de macho. Neste sentido as práticas homoeróticas não favoreceriam, nesta cultura, a emergência da homossexualidade, mas fariam parte da reafirmação da centralidade do masculino sobre o feminino, mais uma etapa do rebaixamento daqueles indivíduos que, no ato sexual, participam de forma a ser definidos como passivos. A nordestinidade exclui a homossexualidade, mas não necessariamente o homoerótico. Nem mesmo o homoerotismo feminino, desde que este seja o reforço da própria imagem do nordestino como macho. É comum no romance nordestino personagens femininas masculinizadas, as mulheres-machos, que têm valor e são admiradas por atuarem como se fossem homens. De Luzia-Homem a Maria Moura<sup>15</sup>, as mulheres nesta região de natureza e sociedade hostil parecem só ocuparem a cena pública, serem sujeitos de sua própria história, assumindo o lugar do masculino.

O que se pode concluir, portanto, é que, embora o estereótipo do nordestino tente separar de forma muito clara os atributos de um homem e de uma mulher, o que é ser macho e o que é ser fêmea, as fronteiras entre o masculino e o feminino parecem estar sempre em perigo: ultrapassar estas fronteiras parece uma ameaça constante. As práticas homoeróticas representam um momento de relativização destas fronteiras, embora também as reafirmem. No começo do século, no momento em que o nordestino está sendo criado, como uma figura que reafirma todo

um conjunto de imagens, enunciados, temas e costumes ligados às masculinidades tradicionais, a ameaça do feminino sair de seus limites parece muito clara. Há um medo coletivo, dos homens das elites, da desvirilização de sua própria classe e, por consequência, do espaço que domina. A decadência, a derrota política e o declínio econômico em nível nacional detonam a crise de um padrão de sociabilidade, de sensibilidade assentado predominantemente no domínio e exortação do masculino. A ameaça da passividade, da derrota e – por que não – da penetração de seu espaço por outros, tornam estes homens sensíveis à questão de gênero, o que os levam a buscar desesperadamente a re colocação do feminino e do masculino em seus devidos lugares. Os jornais se enchem de artigos onde a denúncia do deslocamento do feminino é visto como uma ameaça à própria sociedade:

O esporte ou atletismo feminino é a desfeminização e a degradação da mulher pela igualdade comunizante dos sexos. Socorrem-se da medicina para justificá-los. Mas quem? Os comunistas e judeus que querem assim mascarar os seus propósitos de dissolução da família religiosa – a velha e formidável estrutura da civilização cristã do ocidente.

Investigações modernísimas da ciência, na Itália, e que Mussoline acaba de endossar, condenam publicamente os esportes femininos, mostram aos entendidos e profanos, como essas práticas perturbam toda a fisiologia do sexo pela esterilidade, desvios, complicações ovarianas, velhice precoce e morte prematura<sup>16</sup>.

Fechar as fronteiras para a ameaça feminina passa pela exclusão do próprio homoerótico, uma suspeita crescente em relação a práticas vistas até então como inofensivas ao masculino. Talvez seja esta uma pista para a construção da homossexualidade na região, mas isto é uma outra história, que fica para outra oportunidade.

## NOTAS

<sup>1</sup> COSTA, Jurandir Freire. *A face e o verso: estudos sobre o homoerotismo II*. São Paulo, Escuta, 1995 e RORTY, Richard. *Objetivismo, relativismo e verdade*. Rio de Janeiro, Relume Dumará, 1997.

<sup>2</sup> RÉGO, José Lins do. *Usina*. 7ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1973, p. 13.

<sup>3</sup> *Idem*, p. 62.

Durval Muniz de Albuquerque Júnior

<sup>4</sup>FREYRE, Gilberto. *Dona Sinhá e o filho padre*. 2ª ed., Rio de Janeiro, José Olympio, 1971.

<sup>5</sup>FREYRE, Gilberto. *op. cit.*, p. 31.

<sup>6</sup>RÊGO, José Lins do. *op. cit.*

<sup>7</sup>*Idem*, pp. 09-10.

<sup>8</sup>*Idem*, pp. 15-16.

<sup>9</sup>VALE DE ALMEIDA, Miguel. "Gênero, masculinidade e poder: revendo um caso do sul de Portugal". In *Anuário antropológico 95*. Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1996, p. 161.

<sup>10</sup>RÊGO, José Lins do. *op. cit.*, pp. 22-23.

<sup>11</sup>*Idem*, p. 19.

<sup>12</sup>*Idem*, pp. 20-21.

<sup>13</sup>*Idem*, pp. 21-22.

<sup>14</sup>FREYRE, Gilberto. *op. cit.*, p. 23.

<sup>15</sup>Ver OLÍMPIO, Domingos. *Luzia-Homem*. São Paulo, Ática, 1981 e QUEIRÓZ, Raquel de. *Memorial de Maria Moura*. Rio de Janeiro, José Olímpio, s/d.

<sup>16</sup>CAMPELO, José. *Diferenciação e valorização dos sexos*. Campina Grande, *Jornal Voz da Borborema*, nº 84, 16 de novembro de 1938, p. 04, cad. 01.